



SONHO E REPETIÇÃO COMO POSSIBILIDADES PICTÓRICAS

DREAM AND REPETITION AS PICTORIAL POSSIBILITIES

Marcelo Eugenio Soares Pereira¹
Universidade Federal de Santa Maria
Associado ANPAP: não

Karine Gomes Perez Vieira²
Universidade Federal de Santa Maria
Associada ANPAP: sim

Resumo: Neste ensaio visual, é apresentada uma série de pinturas em aquarela sobre papel, cuja referência inicial foi um único sonho noturno. A partir dessa breve narrativa onírica, é realizada uma pintura que, ao ser revisitada tempos depois, dá origem a várias outras obras. Busca-se demonstrar o quanto uma pesquisa em poéticas visuais é capaz de ser retroalimentada por seus próprios referenciais e repetições, em um movimento dialético que pode prosseguir indefinidamente.

Palavras-chave: Pintura. Aquarela. Sonho. Arte contemporânea.

Abstract: *In this visual essay, a series of watercolor paintings on paper is presented, whose initial reference was a single nighttime dream. Based on this brief oneiric narrative, a painting is created which, when revisited some time later, gives rise to several other works. The aim is to demonstrate how research in visual poetics can be self-sustained by its own references and repetitions, in a dialectical movement that may continue indefinitely.*

Keywords: *Painting. Watercolor. Dream. Contemporary Art.*

¹ Doutorando em Artes Visuais no PPGART/UFSM. E-mail: marcelo-pereira.1@acad.ufsm.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5620-2128>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5800420230944108>.

² Professora no PPGART/UFSM e no Departamento de Artes Visuais, CAL/UFSM. Doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM. E-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9501215584535818>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0500-544X>



SONHO E REPETIÇÃO COMO POSSIBILIDADES PICTÓRICAS

Ao elencar imagens oriundas dos sonhos para um fazer artístico, é imprescindível sonhar e, para isso, dormir. Embora aparentemente cotidianas, são ao menos duas as temporalidades implicadas nesse processo: o tempo de sono e o tempo da rememoração onírica. Na atual sociedade contemporânea, na qual a acelerada produtividade é um imperativo, tais premissas são privilégio para poucos.

O historiador da arte Jonathan Crary sinaliza as inúmeras tentativas, por parte do capitalismo tardio, de erradicar tanto o sono – inimigo da produtividade e do consumo, quanto, conseqüentemente, o sonho – marginalizado e desacreditado já desde o século XVII, em decorrência da predominância do pensamento racional abstrato (Crary, 2016). Também ocupado com as questões do sonho, o neurocientista Sidarta Ribeiro afirma que: “O primeiro espaço mental para a simulação de ideias deve ter sido o sonho, muito tempo antes de nossos ancestrais aprenderem a fazer isso acordados” (Ribeiro, 2019, p. 320). Nesse sentido, o sonho é um fenômeno capaz de suscitar, sobretudo por meio das suas imagens, ideais a serem desenvolvidas no campo da arte.

Em sintonia com tais possibilidades imagéticas e criativas do onírico, se parte de um sonho no qual, em meio às nuvens, uma mulher é avistada sobre um tapete voador. Repentinamente, como se assumisse as qualidades de um camaleão, sua pele incorpora os mesmos padrões geométricos do tapete sobre o qual seu corpo repousa languidamente. Esse breve fragmento onírico é tomado como referência para uma criação pictórica em aquarela cujos desdobramentos serão apresentados na sequência imagética mais adiante.

Em um primeiro momento, a cena onírica é transportada para o caderno de sonhos, espaço no qual são escritos e, por vezes, desenhados, os aspectos que mais reteram a atenção durante o sonho (imagem 1). Após, a cena com a mulher sobre o tapete compõe uma pintura na qual outros elementos oníricos tomam parte, muitos deles flutuando sob um céu noturno (imagem 2). A seguir, com a decisão de privilegiar apenas um detalhe da pintura, tão somente a imagem feminina é repetida, dessa vez com um céu acinzentado ao fundo; com essa ação, ao modo de um *zoom*, alguns detalhes são explorados com maior minúcia (imagem 3). Na obra posterior, três esferas coloridas se sobressaem do restante da pintura, realizada em tonalidades de cinza (imagem 4). Por fim, em nova obra, o círculo do meio da pintura anterior é isolado sobre um fundo branco, e as cores correspondem àquelas do esboço inicial (imagem 5).

Conforme é possível notar, a repetição dá a tônica na criação dessas obras. Para Gilles Deleuze: “[...] é porque o espírito tem uma memória ou porque adquire hábitos que ele é capaz de formar conceitos em geral, de tirar algo de novo, de extrair algo de novo da repetição que ele contempla” (Deleuze, 2006, p. 36). Assim, constantemente revisitados, o sonho e a obra iniciais propiciaram uma sequência de desdobramentos imagéticos, sempre repetidos pela figura feminina sobre o tapete e, ao mesmo tempo, sempre diferentes entre si, já que apresentam distintas variações formais e, principalmente, cromáticas.

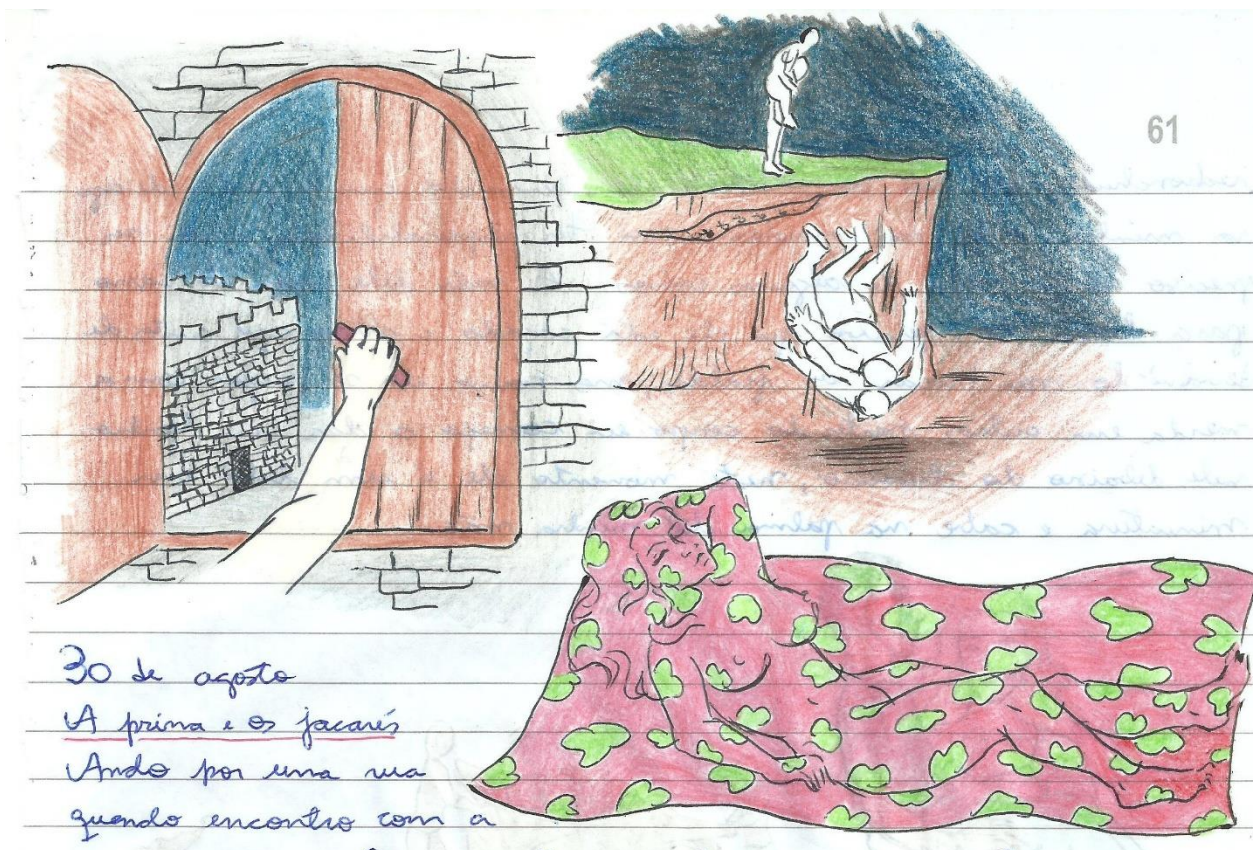


Imagem 1. Marcelo Eugenio, caderno de sonhos, caneta esferográfica e lápis de cor sobre caderno pautado, 14 x 21cm, 2019. Foto: acervo pessoal.



Imagem 2. Marcelo Eugenio, "Sobre coisas vistas no céu", aquarela e giz pastel oleoso sobre papel, 40 x 30 cm, 2020. Foto: acervo pessoal.

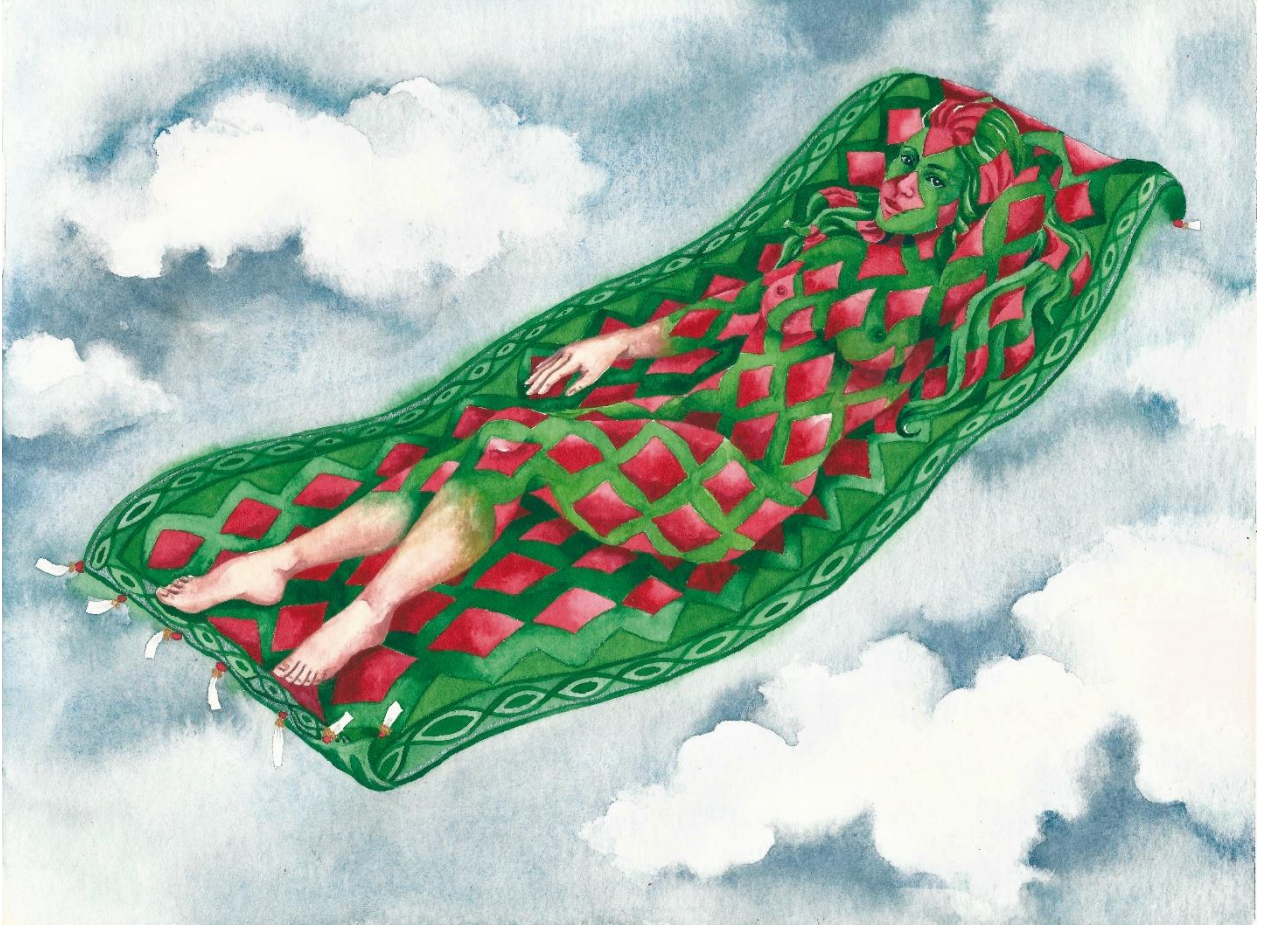


Imagem 3. Marcelo Eugenio, “Camuflagem”, aquarela sobre papel, 24 x 32 cm, 2023. Foto: acervo pessoal.

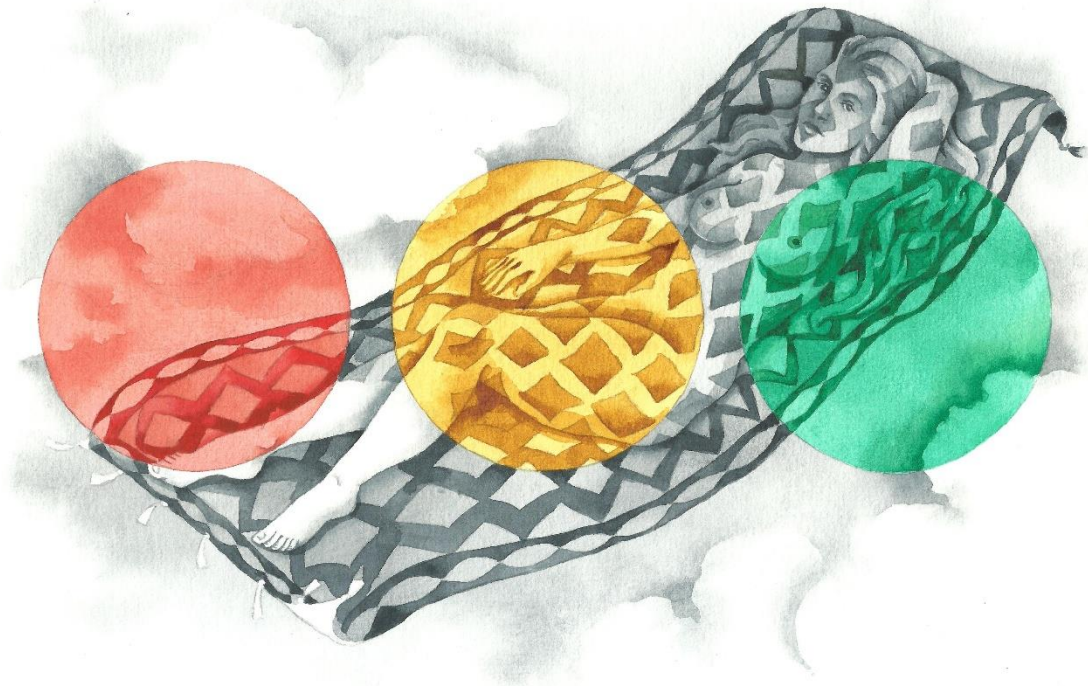


Imagem 4. Marcelo Eugenio, "Camuflagem nº2", aquarela sobre papel, 20 x 32 cm, 2025. Foto: acervo pessoal.



Imagem 5. Marcelo Eugenio, "Camuflagem nº3", aquarela sobre papel, 20 x 32 cm, 2025. Foto: acervo pessoal.

Referências

CRARY, Jonathan. *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª edição, 2006.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.